

## Encontros com Eneida

Sérgio Sapucahy \*

Menino, bem menino, de calças curtas, descobri o mundo encantado da leitura.

Rapidamente, dividi-me entre o imaginário das histórias infantis e a realidade dos jornais diários. Naquele tempo, havia os matutinos e os vespertinos. Papai, apesar da pouca escolaridade, não os dispensava, queria estar sempre informado. Pela manhã o Diário de Notícias; à tarde, a Última Hora. Assim encontrei Eneida nas páginas do matutino.

As crônicas de Eneida esmiuçavam o cotidiano político brasileiro. Afinal, o Rio era a capital da República. Ali estavam, imponentes, o Palácio Tiradentes, onde se digladiavam os deputados da UDN do Lacerda e os do PTB do Getúlio, ambos dominados pela matreirice do PSD, e o Palácio Monroe: a Câmara Alta, o Senado. Tudo isso no coração da metrópole carioca: Esplanada do Castelo e Cinelândia.

Pelas mãos da cronista, caminhei por este cenário de estranhas tramas e conspirações, todas sempre em nome dos "elevados interesses nacionais". Guri, mais ufanista que nacionalista, não sabia de Eneida, de seus sofreres políticos, dos tempos do presídio da Frei Caneca, da clandestinidade em São Paulo. Era tempo do Getúlio presidente, não do ditador. A imprensa livre estimulava o debate político: Lacerda x Getúlio. Tudo me soava como um Fla x Flu ou um RE x PA, por isso não entendi direito os tiros da rua Toneleros; Lacerda ferido, morto o major da Aeronáutica. Entendi menos ainda o feriado inesperado de um 24 de agosto: a criançada alegre com a folga e o povo chorando a morte do seu presidente. Esses fatos transbordavam da prosa ágil de Eneida e penetravam na cabeça curiosa do moleque.

Mas nem só de política se faziam as crônicas. Se corria janeiro com suas altas temperaturas, Eneida me falava de sua visão da praia de Copacabana; da juventude dourada, de biquinis e sereias, de olhares de

admiração e de despeito. Essas sereias, tão distantes do menino da periferia da capital, para quem ir à praia era acontecimento de piquenique anual, mexiam-lhe com a cabeça, agitavam-lhe o sono e os lençóis.

Janeiro era também tempo de manga e de idas à feira. Com ele vinha a lembrança de uma terra distante, onde as mangas não eram compradas, eram apanhadas nas ruas, ao pé das árvores. Eneida falava de Belém, sua terra. Mas Belém era, para mim, só uma lição de Geografia: Pará, capital Belém.

Vinha fevereiro e com ele o carnaval, festa amada de Eneida que promovia o mais lindo baile do Rio, o do Pierrô. Carnaval de palhaços, ciganas, piratas, arlequins, colombinas, pierrôs... embalados por marchinhas e sambas cheios de malícia e ingenuidade. As crônicas sobre o carnaval procuravam manter viva uma tradição de alegria já corrompida pela modernidade.

Os meses passavam, na sua esteira os temas: março das grandes chuvas, abril das santas dores, maio das flores, junho dos folguedos... e chegava dezembro dos autos natalinos. Nessas crônicas, havia sempre a presença do Norte: águas grandes, sermão da agonia, bumbás e pássaros, pastorinhas. Amazônia, Pará, Belém... a terra de Eneida tão desconhecida ainda para mim.

O leitor cresceu, mudou de jornal. Do Diário de Notícias para o Jornal do Brasil. Conheceu outros cronistas: Drummond, José Carlos de Oliveira...

Carnaval de 1971. Desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Um coração verde e rosa aguarda ansioso a louvação ao Abaeté, onde reina Janaína. De repente, a avenida fica vermelha e branca. No ponto mais alto do abre-alas, um fantástico pierrô. O Salgueiro canta Eneida. A Divina Elizete, representa Eneida já muito doente.

"O povo sambando,  
cantando a melodia.  
Salgueiro traz o tema  
Eneida amor e fantasia"

"Só eu cantei  
Eneida, Amor e Fantasia  
Cantei entrudo,  
Zé-Pereira, o rei da folia"

As alas se sucedem e com elas as imagens de outros carnavais. Burrinhas, zé- pereiras, fofões, cabeções, mortalhas... Surge Belém do Pará. As alegorias falam agora do Ver- o- Peso, de cupuaçu, de açai, de banho- de- cheiro com ervas mágicas...

Belém do Pará, Belém de Eneida. A escritora e a cidade ressurgem na minha memória. Aquela ficara arquivada desde o tempo do Diário de Notícias. Esta era lembrança recente, do período de 64 a 68, de minha passagem por Belém, quando a cidade ainda mantinha intactas suas características. As avenidas guardadas por mangueiras frondosas, centenárias, ou esguias palmeiras austriacas. As praças bordadas com coretos e fontes da belle-époque, cobertas por muita grama verde, macia, gostosa de sentar. Os palacetes e as igrejas em que os estilos se alternam como num caleidoscópio. A Belém urbana que terminava em São Brás, na Caixa D'água, na estação ferroviária. Depois eram os trilhos da Belém - Bragança, correndo na Tito Franco ladeada pelas chácaras das famílias burguesas. A Belém gravada para sempre na memória de um então jovem carioca.

Passado o carnaval, em pleno Curso de Letras na FAHUPE, reencontrei Eneida. Não a pessoa. Quem me dera tanta honra! Nem a escritora, isso ainda levaria algum tempo. Mas a militante, a vítima do Estado Novo. O encontro se deu nas páginas de Memórias do Cárcere, vol. 1. Entusiasmado com o curso que iniciava, presenteei-me com a obra completa de Graciliano Ramos. O velho Graça apresentou-me a Eneida comunista, encarcerada como ele em 36, consequência da novembrada de 35. Não foi a primeira nem a última prisão na vida dela. Do encontro ficaram-me duas marcas: a voz forte e os olhos verdes.

"(...) Vigorosa conversa política ali se desenvolvia, a pouca distância, dominada por um vozeirão de instrutor. Quem seria aquela mulher de fala dura e enérgica?"

Foi Valdemar Bessa quem me satisfiz a curiosidade: a mulher de voz forte era Eneida. E apertava-se uma dúzia delas na sala 4. Olga Prestes,

Elisa Berger, Maria Werneck, Rosa Meireles, outras.

Ouvimos os sambas, as canções, as granadas caíram novamente, incendiaram o quartel, impelidas pela voz poderosa de Eneida.

Na ida e na volta, demoravam-se às vezes no patamar, afastavam a lona que disfarçava a Praça Vermelha. Sinais de relance percebidos serviram-me para distinguir várias delas: os lábios vermelhos de Valentina, os cabelos grisalhos de Elisa Berger, os olhos verdes de Eneida..."

RAMOS, Graciliano. Memórias do Cárcere. São Paulo, Martins, 1969.

As lembranças de Graciliano deram vida às minhas. As crônicas lidas na infância e o pierrô do Salgueiro se juntaram à voz forte da mulher de olhos verdes. Agora eu tinha a imagem de Eneida.

1989, sala do Mestrado de Letras da UFPA. Faz doze anos que voltei a Belém. O assunto é o Fantástico. Mestre José Guilherme de Oliveira Castro, perfeita simbiose de simpatia e competência, ameniza a aridez estruturalista de Todorov no fazer fantástico de Ligia Fagundes Teles. Nos intervalos, fala-se de tudo, de livros e filhos. Certa vez o assunto era o lançamento de Aruanda e Banho de Cheiro, reunidos em um só volume, na série Lendo o Pará. José Guilherme fala com entusiasmo do resgate desses dois tesouros da Literatura Paraense. Fico sabendo que Eneida fora o tema central de sua dissertação de mestrado. Eunice, uma das queridas colegas de turma, anuncia que Banho de Cheiro será o seu.

Compro o livro e a ponte iniciada no Diário de Notícias alcança a outra margem. Todo o sentimento paraense que impregnara o carioca encontra a sua expressão. A sensação que se repete, diuturnamente, nas minhas idas e vindas por Belém ou no olhar debruçado sobre as águas douradas do rio Guamá e da baía do Guajará está ali, no texto de Eneida.

"São Jerônimo, Dr Moraes, só em Belém Deodoro é generalíssimo (o exagero amazônico); ruas de minha intimidade; as casas coloniais altas, com azulejos tão belos, pesadas, cheias de janelas, sacadas ou ferro talhados, todas falando de Belém colonial. E as mangueiras encarregando-se de dar sombra, faceiras

sempre, tão faceiras que adoram a chegada de outubro, momento em que a Prefeitura manda pintar de branco seus troncos. Sempre desejaram ser bailarinas as nossas mangueiras; é o que sinto nelas desde menina.”

Banho de Cheiro. Belém,  
SECULT, pp216,217.1989

Ler e ver, simultaneamente, é o que a prosa de Eneida possibilita. Imagens de Belém que recriam o real sem desmenti-lo. São puxões de orelha nos belenenses. Nos que só enxergam a sujeira da cidade. Por não serem capazes de ver além, de ver para trás, não conseguem re-ver Belém e lutar por ela. Acomodam-se diante do desastre. Eneida, não. Em 1945, triste com o estado de abandono em que encontrava sua cidade, já firmava o compromisso que manteria ao longo de toda a sua vida:

“E foi aí que jurei a mim mesma, jurei que enquanto viva fosse, iria todos os anos visitá-la, revê-la, a minha amada Nossa Senhora de Belém do Grão Pará.” *Ibidem*, p.217

Literatura é emoção construída no jogo verbal a instalar a literariedade. A íntima relação entre significante e significado, com o predomínio ora de um ora do outro, ou com o justo equacionamento dos constituintes do signo, produz as nuances textuais, ativando o leitor igualmente como sujeito de criação. Dotado dessas qualidades, o texto de Eneida seduz o leitor, excitando-lhe o imaginário, guiando-o através do processo criativo da escritora, tomando-o parceiro. Creio dessa forma traduzir-se o encantamento do leitor. Assim aconteceu comigo ao ler, pela primeira vez, o parágrafo sobre a Praça da República:

“A República é ótima para se descer de bicicleta, declarou um dia meu irmão. Para se chegar ao pé da estátua há uma escadaria. Quantas vezes essa diabrura? Éramos íntimos da República. (D<sup>a</sup>. Julinha, cuidado; hoje vi seus meninos descendo de bicicleta as escadarias da República. Mamãe ouvia a queixa; chamava nossa atenção. Devíamos ter mais respeito pela República. Não foi um conselho logo atendido. Mas, um dia, cansamos da proeza e substituímo-la por outra mais arrojada.)” *Ibidem*. 216

A conhecida praça de Belém se restringe, inicialmente, ao monumento e sua cercania, espaço do folguedo de Eneida e seu irmão. Em seguida, a República ganha “anima”, personifica-se, torna-se íntima, companheira. A comadre fala, numa antevisão, do perigo de brincar com a/na República. A mãe fala de respeito. Eneida, a narradora, indicia aventura mais arrojada. Metonímia e prosopopéia dialogam, completam-se, equacionam-se no texto. O real e o imaginário se interpenetram. Literatura pura.

Encontrando Banho de Cheiro e Aruanda, encontrei Eneida escritora. Encontro definitivo como sucedera com Dom Casmurro, São Bernardo e Policarpo Quaresma. Desses que ficam para o resto da vida, com direito a visitas constantes.

---

\* Sérgio Antonio Sapucahy da Silva é mestre em Teoria Literária, Chefe de Departamento de Língua e Literatura da UNAMA e da UEPA.